

Cultura Programação em torno da música erudita e não só

Viagem pelo labirinto dos Festivais de Verão... em versão clássica

Programação ambiciosa no Cistermúsica de Alcobça e propostas aliciantes em Lisboa, Estoril e Oeiras preenchem a oferta musical das próximas semanas

Cristina Fernandes

A partir de hoje, o panorama dos festivais de Verão conta com mais duas propostas diversificadas em torno da música erudita e não só – Cistermúsica de Alcobça e Estoril Lisboa – às quais se juntará a partir do dia 27 o Festival Internacional de Piano de Oeiras. Encontram-se também a decorrer os festivais dos Capuchos, Sintra e Espinho, e em Julho terá início o Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim, o Festival das Artes de Coimbra – o que representa uma oferta musical significativa que abrange várias épocas e estilos e que contrasta com a escassez de propostas nos últimos meses devido às contingências da pandemia.

O Festival Cistermúsica de Alcobça, que decorre de hoje a 1 de Agosto, com direcção artística de André Cunha Leal e Rui Morais, tem sido apresentado pela organização como “a edição mais ambiciosa da sua história”. Estão previstos 40 espectáculos entre recitais, música de câmara e coral, concertos sinfónicos, óperas, programas dedicados ao jazz, às músicas do mundo, à dança contemporânea e a actividades complementares. “Da Ibéria aos novos tempos” é a temática, com forte participação de intérpretes espanhóis e aposta no repertório ibérico, em paralelo com o habitual pretexto das efemérides (adoptado por múltiplos festivais) na elaboração de outras linhas temáticas, neste caso as celebrações dos 500 anos da Circum-Navegação e os aniversários de nascimento ou morte de compositores como Josquin des Prez, Saint-Saëns, Manuel de Falla, Stravinsky e Piazzolla.

A abertura (hoje, às 21h30, no Mosteiro de Alcobça) cabe ao grupo espanhol La Grande Chapelle, dirigido por Albert Recasens, conhecido

pelo rigor das suas propostas musicológicas e artísticas e pela redescoberta de repertórios esquecidos, que dará a ouvir pela primeira vez em Portugal obras sacras escritas por José de Baquedano (1642-1711) para a Catedral de Santiago de Compostela (o mesmo programa será repetido no dia 27 em Lisboa, às 16h, na Igreja de São João Baptista do Lumiar, no Festival Música no Termo).

Magalhães e outros antigos

O mote dos 500 anos da Circum-Navegação serve de base aos concertos dos Solistas do Coro de Câmara de Granada com o Samsaoui Ensemble a 12 de Julho (programa *O Périplo De Magalhães E Elcano: Uma Volta Ao Mundo Em 12 Obras*, com música de Gaspar Fernandes, Alfonso X, Morales, Zéspedes, Victoria, Mateo Flecha e Pero de Escobar) e ao concerto de encerramento, *Música Mestiça – Na Espanha barroca*, pela Accademia del Piacere, conhecido pelas suas electrizantes interpretações e pelo diálogo com diferentes culturas musicais. Outra presença vinda do país vizinho, que estará também no Festival Estoril Lisboa, é o Ensemble Instrumental da Cantàbria, num concerto dedicado a Manuel de Falla.

No campo da música antiga, salienta-se ainda a estreia moderna do *Requiem de Coimbra*, pelo ensemble Capella Sanctae Crucis, dirigido por Tiago Simas Freire, a 9 de Julho (com obras de André Moutinho, António Milheiro, Bartolomeo Trossillo, Agostinho da Cruz, Afonso Bernal e Diego de Alvarado) e o programa *Josquin [des Prez] e os seus contemporâneos em Portugal*, pelo Alma Ensemble, no Mosteiro de Cós.

Dando um salto no tempo, a música do século XXI estará em destaque já depois de amanhã (às 21h30) através do Lusitanus Ensemble e de uma



DEYAN-PAROCHEV



série de obras para sopros encomendadas a compositores portugueses como Anne Victorino d’Almeida, Carlos Azevedo, Alexandre Delgado, Mariana Vieira, Daniel Bernardes, Bernardo Sasseti, Carlos Marques e Eurico Carrapatoso.

O Cistermúsica de 2021 inclui ainda uma gala de homenagem à grande

soprano italiana Mariella Devia (que dará uma *masterclass* em Alcobça) pelo Allurement Trio, a 3 de Julho, e duas óperas: *La Serva Padrona*, de Pergolesi, pelo Ensemble La Nave Va, com os cantores Carla Caramujo e Luís Rodrigues e encenação de Carlos Antunes; e *Maria De Buenos Aires*, “ópera-tango” de Piazzolla, com

direcção musical de Daniel Schvetz e Ana Ester Neves no papel principal.

A Orquestra XXI (com obras de Mozart, Wagner e Stravinsky); o quarteto de cordas Esmé (Coreia do Sul); a apresentação de *A História do Soldado*, de Stravinsky, pelo Ensemble Darcos, com o actor Paulo Pires como narrador, e o recital de piano a 4 mãos, por Jill Lawson e Luísa Tender, são outras propostas a merecerem atenção num mosaico que contempla também o jazz (Gaia Cuatro), as músicas do mundo (The Naghash Ensemble, da Arménia), a dança contemporânea (companhia Dança em Diálogos) e a apresentação de jovens intérpretes formados pelas instituições de ensino artístico da região.

Festival Estoril Lisboa

O 47.º Festival Estoril Lisboa inicia-se com uma “Homenagem às vítimas e aos que lutam contra a pandemia” (hoje, às 21h, no Auditório da Fundação Oriente) pelo Ensemble Darcos, dirigido por Nuno Córte-Real, e pelos cantores Cátia Moreso e Marco Alves dos Santos, que interpretam *A Canção*



DAVID BLAZQUEZ

D. Sebastião – pelo ensemble Polyphonos constituem apostas emblemáticas em torno do tema-chave, mas teremos de esperar até Novembro e Dezembro para escutar o resultado.

Para já, o festival proporcionará a audição da versão para orquestra de *As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz*, de Haydn, pela Orquestra Gulbenkian, dirigida por Pedro Neves, no dia 3, às 21h30, na Igreja de São Domingos, e no dia 8 (às 21h, no mesmo local) o programa *D. Manuel I, grande viagem: luz eterna*, pelo Coro Gulbenkian, dirigido por Jorge Matta, no qual repertórios dos séculos XV e XVI (de Damião de Góis, Pedro do Porto, Lopes Morago e anónimos) irão dialogar com a música do século XX (Pärt, Elgar, Lauridsen e Eriks Esenvalds).

Destacam-se ainda os dois recitais de Olivier Latry, um dos organistas titulares da catedral de Notre-Dame e notável intérprete e improvisador, na Igreja de São Vicente de Fora e na Sé Patriarcal (dias 10 e 12), em percursos que abrangem vários séculos de música e compositores como Cabanilles, Merula, Kerll, Buxtehude, Marchand, Bach, Ligeti e Messiaen, entre outros. Recitais de música de câmara (Mozart Trio, grupos de câmara da ESML), a estreia do espectáculo *Sou do tamanho do que vejo* pelo Coro Infantil do Instituto Gregoriano de Lisboa e o Ensemble Cardo-Roxo (dia 15, no Auditório do Liceu Camões), concertos pelos laureados do Concurso de Música de Câmara Vasco Barbosa e do Concurso de Interpretação do Estoril, e a participação do Ensemble Instrumental de Cantábria, com duas versões do Concerto para Cravo de Manuel de Falla (a original, pelo cravista José Carlos Araújo e em piano por Sílvia Carrera Hondal) são outras propostas da programação.

Abertura do Cisternmúsica de Alcobaça cabe ao grupo espanhol La Grande Chapelle. Em baixo, Olivier Latry, um dos organistas titulares da catedral de Notre-Dame

Oferta musical significativa abrange várias épocas e estilos e contrasta com a escassez de propostas nos últimos meses devido às contingências da pandemia

da Terra, de Mahler, em versão de câmara. Face às limitações da pandemia, a edição do ano passado foi dividida em duas etapas e este ano, o director artístico, Piñero Nagy, decidiu manter o modelo. Assim, de hoje a 23 de Julho decorre o Festival de Verão e entre 26 de Novembro e 18 de Dezembro o Festival de Outono. As temáticas escolhidas percorrem porém os dois ciclos, centrando-se na figura do rei D. Manuel I, falecido há 500 anos, ao mesmo tempo que se dá seguimento à programação em torno do V Centenário da Circum-Navegação da Terra e se evocam efemérides como o 75.º Aniversário da morte de Manuel de Falla e o 95.º Aniversário da estreia do Concerto para Cravo deste mesmo compositor.

A encomenda de um *Magnificat* dedicado ao Rei Venturoso a Nuno Côrte-Real e de uma obra baseada no *Auto da Alma*, de Gil Vicente, a Tiago Derriça, bem como o programa *Requiem pelo Venturoso* – reconstituição musical da cerimónia da trasladação do corpo do rei para a nova Capela-Mor dos Jerónimos por ordem de

Festival de Piano em Oeiras

Entre 27 de Junho e 1 de Agosto decorre também o IV Festival Internacional de Piano de Oeiras, promovido pela autarquia e pela Academia de Música Flor da Murta, com recitais todos os domingos, às 18h, no Auditório Ruy de Carvalho, em Carnaxide, com entrada livre. Na abertura, a directora artística, Teresa Palma Pereira, toca obras de Mozart, Albéniz, Balakirev e Bartók, seguindo-se nas semanas seguintes a apresentação de reputados pianistas de várias nacionalidades, com destaque para o regresso a Portugal de Nikolai Lugansky no encerramento com algum do seu repertório de eleição: Bach (três andamentos da Partita n.º 3), Beethoven (Sonatas op. 27, n.º 2, *Ao Luar*, e op. 111) e Rachmaninov (selecção de *Études-Tableaux*). Nos restantes domingos, Jan Michiels, Angela Cheng, Grigory Gruzman e Suzana Bartal percorrem algumas das mais admiráveis obras da literatura para teclado desde J. S. Bach até Debussy, passando por Haydn, Chopin, Liszt e Saint-Saëns.

Depois de Cannes, os diários de Maureen Fazendeiro e Miguel Gomes vão a Vila do Conde

Jorge Mourinha

Diários de Otsoga, o filme que Maureen Fazendeiro e Miguel Gomes fizeram durante o confinamento de 2020, vai ser revelado ao mundo na Quinzena dos Realizadores de Cannes e ao público português no Curtas Vila do Conde. O evento norte-nordestino, que se desenrola entre 16 e 25 de Julho e já tinha tido a honra de estrear as três partes das *Mil e Uma Noites* em 2015, vai receber assim a estreia nacional do filme, que apenas chegará às salas de cinema em Agosto.

Não é a única das novidades ontem anunciadas pela organização do Curtas, que já revelara os títulos a concurso nas selecções internacional e experimental e a homenagem/retrospectiva dedicada à escocesa Lynne Ramsay. À exibição de *Diários de Otsoga* vêm-se juntar duas outras longas-metragens de cineastas regulares do festival de Vila do Conde. São elas *Lutar Lutar Lutar*, documentário assinado por Helvécio Marins Jr. e Sérgio Borges, sobre a história do clube de futebol brasileiro Atlético Mineiro; e *Mandibules*, o mais recente delírio do francês Quentin Dupieux.

Marins Jr., autor das longas *Girimunho* e *Querência*, foi igualmente um dos cineastas convocados para os filmes comemorativos do 20.º aniversário do festival; este novo documentário teve estreia europeia há poucas semanas no festival de

Roterdão. Quanto a Dupieux, de quem conhecemos obras tão fora do baralho como *Pneu* ou *100% Camurça*, tem em *Mandibules*, que foi estreado em Veneza 2020 e chegará este ano às salas portuguesas, a sua mais recente comédia excêntrica, desta vez à volta de um par de amigos e da mosca gigante que encontram num carro roubado e que querem treinar para fazer assaltos.

A par destes títulos, o Curtas revelou igualmente a secção de filmes-concerto, Stereo, com actuações da harpista espanhola Angelica Salvi



Diários de Otsoga de Maureen Fazendeiro e Miguel Gomes, foi feito no confinamento de 2020

(sonorizando o filme mudo de 1916 de Lois Weber, *Shoes*), e do colectivo de jazz experimental Chão Maior, liderado pelo trompetista Yaw Tembe, que trará a palco o seu álbum *Drawing Circles* ilustrado por imagens do realizador Igor Dimitri. O Curtas Vila do Conde contará também com uma presença online à imagem de 2020 – efeito da situação de pandemia – e verá a sua programação finalizada no início do mês. As selecções já anunciadas podem ser consultadas em <http://festival.curtas.pt>

PUBLICIDADE

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO ABERTO

SÓ ATÉ 11 JULHO

QUA E QUI 19H
SEX E SÁB 21H
DOM 16H

ALMA

TIAGO CORREIA ENCENAÇÃO CRISTINA CARVALHAL

ESTRUTURA PRODUTORA POR LISBOA ESTRUTURA PORTUGUESA ARTES

M/16